

## AS MÚLTIPLAS VOZES NOS 500 ANOS DO BRASIL

DOMINICK, Rejany dos Santos - UFF e UNICAMP;  
FOSTER, Eugênia da Luz Silva - UFF e UFAP;  
GUEDES, Cristiane de Pinho - UFF;  
LACERDA Jr., José Américo de - UFF;  
MATELA, Rose Clair P. Matela - UFF;  
SILVA, Gene Maria V. Lyra - UFF e UFG.

A partir da pesquisa “Navegantes e Internautas: 500 anos de aprendizagens a desafiar a formação de professores – Portugal e Brasil”, buscamos apresentar neste trabalho algumas reflexões iniciais da pesquisa. Esse pôster visa apresentar e analisar alguns dos agentes que contribuem na formação de idéias e opiniões dos jovens e adultos estudantes sobre o evento épico-político dos “500 anos”. Temos o objetivo de contribuir para que este evento seja “comemorado” através de uma retomada das memórias, ensejando outros olhares e múltiplas vozes que confluindo ou conflitando possibilitem a expressão das diversidades no currículo escolar.

Percebemos que dentro da lógica comemorativa oficial dos 500 anos há um discurso dominante e homogeneizador que tenta “controlar” as diferentes vozes dos excluídos, que buscam resgatar a sua história de genocídio, exclusão e resistência. A dilapidação da memória em nossa sociedade realiza-se de diferentes formas, já que ela é parte integrante de uma lógica que a orienta. Assim, embotando a memória de crianças, jovens e adultos, a escola e os diversos agentes de formação vão tecendo uma memória fragmentada, repetitiva, mecânica e triste.

Um exemplo refere-se a pouca informação sobre o número de índios que habitavam o litoral brasileiro quando da chegada dos portugueses em nossas terras. segundo Darcy Ribeiro (1995: 31) existiam, *talvez, 1 milhão de índios, divididos em dezenas de grupos tribais, cada um deles compreendendo um conglomerado de várias aldeias de trezentos a 2 mil habitantes. Não era pouca gente, porque Portugal àquela época teria a mesma população ou pouco mais.*

Um outro dado que é importante para a nossa história refere-se ao silêncio sobre a força numérica da população negra no Brasil:

*Rocha Pombo estima em 15 000 000 o número de negros entrados pelos diversos portos, número que Taunay acha exageradíssimo. Renato*

*Mendonça calcula em 4 830 000 o seu total. Calógeras, por seu turno, afirma que, no século XVIII, auge da importação de escravos, a média chegou a 55 000, entrados anualmente.*

*Há portanto, muitas dúvidas quanto ao total de africanos trazidos durante a diáspora negra para o Brasil.*

*Por outro lado, podemos dizer que, na América, o Brasil foi o país que teve a maior percentagem de escravos desembarcados. Segundo Décio de Freitas, importamos perto de 40% do total de 9 500 000 negros (segundo as suas estimativas) transportados para o Novo Mundo. Seis vezes mais do que os desembarcados nos Estados Unidos (6%) e bem mais do que o dobro dos que foram para a América espanhola (18%), para o Caribe inglês (17%) e para o Caribe francês (17%). (Moura, 1993: 07)*

Por entender que os jovens e adultos estudantes têm se constituído no alvo principal de discursos que excluem as diferenças é que faz-se necessário ouvi-los com menos “ruídos”, permitindo o afloramento de outras histórias, nem sempre escritas nos livros ou contadas pela cultura dominante.

Percebe-se claramente no processo comemorativo a estratégia política articulada principalmente pelo governo e a mídia em apresentar um Brasil “multicultural” sim, mas sem conflitos e contradições, ou seja, objetivando a construção de uma identidade nacional empreendida pelos vários grupos étnicos que compõe o povo brasileiro, mas capitaneada pela cultura branca dominante europeia e pilar da sociedade ocidental.

Entretanto, faz-se necessário esclarecer que a construção de uma identidade nacional é um processo que encontra resistências reais na constituição das diversas subjetividades, como atestam os vários movimentos sociais que denunciam a opressão e a violência que sofrem seus participantes cotidianamente para reafirmarem uma identidade.

Em seu livro “O local da cultura”, Bhabha (1998) trabalha com a noção de fronteira para nos instigar a pensar mais dialeticamente a questão das identidades, isto é, nos chama a atenção para a idéia de que a fronteira não separa duas culturas, mas “é um espaço onde se articulam as diferenças, onde se produz o hibridismo corrosivo das identidades nacionais”. A partir desta noção temos a constituição de sujeitos hifenizados, ambivalentes, híbridos, já que os elementos das diferenças são incomensuráveis não havendo possibilidade de uma síntese cultural.

As idéias oficiais em torno das comemorações dos “500 anos” do Brasil, vem tendo na mídia a sua maior força de divulgação. Entretanto, há nos diferentes espaços de

comunicação uma multiplicidade de informações sobre os “500 anos”, algumas críticas e outras que buscam apenas reforçar o projeto oficial.

Ao olhar para as “chamadas”, especialmente as da TV Globo, sobre os “500 anos de Brasil” fica-nos a pergunta: estamos vendo que Brasil? As imagens da TV vão educando nossos sentidos e colocando nossa percepção da história dentro de sua caixa – a câmera – e sob seu *zoom*. É a visão de um olho só e onde só aparece o que interessa, cortam-se os pedaços da teia que não interessa. A partir deste foco que vamos comprando roupas, o café que é forte, e também assumindo formas corporais de se ver e de ser no cotidiano. O olho da produção é que escolhe o que é verdade. Ela é semi-rede e nos envolve em sua trama: a trama das novelas, a dos jornais, das propagandas.

Assim, foram cortados do panorama histórico das “chamadas” do Brasil 500 anos as lideranças negras e indígenas. Aparecem artistas, os grandes símbolos midiáticos, alguns até com sua pele negra ou indígena, mas com um “discurso” branco. Aparecem representantes das igrejas, mas onde estão os representantes do movimento sindical, dos sem terra, dos meninos e meninas de rua, dos sem teto, sem escolas, sem hospitais e sem comida? Onde está o homem comum, o negro que trabalha, o que está desempregado, o índio que ao expressar a sua leitura sobre o evento dos 500 anos e tem seu “monumento” destruído por ordem das autoridades que organizam a “comemoração” oficial. Não estão presentes os grandes levantes populares como Canudos, Farroupilhas, Balaiadas, Sabinada, Cabanagem e Balaiada. É, mais uma vez, a versão higienizada da nossa história, sem sangue, sem suor, sem lágrimas... tudo é “*clean*”, a mensagem é boa porque nos faz acreditar que somos bons brasileiros/as, disciplinados.

É preciso ressaltar que todas acabam por formar opinião. Mas o que é opinião?

A opinião não é uma verdade ou um fato. Ela é uma visão do fato e pode variar dependendo das informações às quais os sujeitos têm acesso, dos valores e concepções de mundo, enfim, de sua memória histórica. É um legado das instituições, dos grupos comunitários e dos meios de comunicação que interagem na produção da memória coletiva e individual.

Neste sentido, apresentamos as “falas” de alguns jovens já entrevistados por nós:

Jovens da 8ª série da Escola Municipal Desembargador Oscar Tenório

**Valmir** “Na minha opinião é boa porque existe muita gente que não sabe que o Brasil completaria 500 anos de descobrimento”.

**Ana** “A minha opinião sobre a escola é que a escola está divulgando muito bem os 500 anos do Brasil”.

**Juliana** “Acho ótimo . Mas precisa levar professores ou pessoas que fazem palestra para ir nas escolas e tirar os pontos de interrogação que tem nas cabecinhas das crianças”.

**Ana** “Acho que as comemorações dos 500 anos do Brasil está bem divulgado, mas acho que o povo deveria falar mais e divulgar mais sobre a história de Brasil”.

### Jovem de uma casa de acolhida da cidade de Petrópolis

**Paulo Eduardo.** (Cabelos pintados de louro, contrastando com a pele negra. Esta, por sua vez, realça os dentes brancos. Simpático, atencioso e meigo, é o xodó das meninas da casa.)

- Profissão que eu quero seguir?
- É. Qual?
- Soldado.
- Por quê?
- Pra defender o nosso Brasil.

O Brasil entrou na jogada. Mas que Brasil?

- As crianças e os jovens.
- Eles são o Brasil?
- São. Nós somos o Brasil.
- Como?
- Ué, se nós nascemos aqui, somos brasileiros. Nós não somos índios.
- Índio não é brasileiro?
- Não.
- Por quê?
- Porque eles já ‘tavam aqui antes do Brasil ser descoberto.
- E o Brasil foi descoberto... e aí?
- Aí que eles chegaram aqui e tomaram o lugar dos índios, as terras.
- Eles, quem?
- Ah, eles...
- Os portugueses, o Cabral?
- É. Cabral era o cara lá que olhava a gente tomar banho. (*Risos*)
- Ah, é?

Diante destas narrativas perguntamos: como entender as respostas dadas pelos alunos sem nos apegarmos aos nossos pré-conceitos e cairmos em explicações superficiais?

Num primeiro momento, podemos dizer que estas respostas nos dão uma dimensão do processo de ensino-aprendizagem realizado nas escolas. Um ensino voltado ainda para a memorização, em detrimento da reflexão, da descoberta, da produção do conhecimento. Um conhecimento que não leva em conta a diversidade dos sujeitos na construção de suas identidades. Entretanto, que outras dimensões deste processo subjazem sem que tenhamos tido condições de apreender? Como interpretar as respostas sem os vícios costumeiros, ou seja, “o aluno não sabe nada”, “é o reflexo da escola”, “o seu saber não é levado em conta”, etc?

Estas narrativas também nos levam a refletir sobre como a escola e a sociedade vêm trabalhando a educação de jovens e adultos. Acreditamos que a educação hoje, em

nosso país, enseja, predominantemente, a formação de indivíduos desconectados de si mesmos e dos outros na medida em que favorece relações sociais desprovidas de valores éticos fundamentais para a sua constituição enquanto sujeitos em direção a uma sociedade democrática.

Sendo assim, perguntamos: Como podemos na escola incorporar os múltiplos discursos e olhares sobre o evento dos “500 anos”?

Creemos que lidar com a multiplicidade se constitui em uma das nossas grandes dificuldades, professores/as universitários/as ou da escola básica. Não é fácil trabalhar com a diversidade quando fomos formados para reduzirmos tudo ao padrão. No entanto, é nossa tarefa como professores e sujeitos históricos contribuir para identificar, tornar visível e possibilitar a criação de circuitos de contra-poderes, de táticas desviacionistas, dos fazeres-saberes daqueles que na prática do diálogo e do conflito, entre sujeitos encarnados, reapropriam-se de sonhos, desejos, necessidades e vontades recriando, da lógica unificadora, uma grafia de resistência: a rede. Essa recriação da história possibilita-nos identificar a multiplicidade ao invés da unicidade e a acreditar na necessária inclusão social de todas as homens e mulheres corporalmente encarnados, com suas múltiplas origens étnicas, opções sexuais, linguagens, modos de fazer e de se apropriarem da produção humana.

É bem possível que partindo de um olhar crítico sobre os meios de comunicação ou os livros didáticos o/a professor/a vá, junto com seus/suas alunos/as, tramando uma nova relação, uma relação mais crítica no cotidiano escolar e, quem sabe, assim possamos, pouco a pouco, reconstruir o saber escolar capaz de incorporar no seu cotidiano práticas dialógicas. Em um mundo onde o **ter** vai se tornando cada vez mais importante do que o **ser**, onde a realidade virtual pode nos roubar ainda mais o sentido de existir, tramar uma nova relação com o outro é possibilitar uma nova tecitura de resistência, de co-relação com a multiplicidade, sem a tradicional necessidade de dominar ou ser dominado.

A voz é também o ruído de uma cultura, pois, como nos diz Certeau (1994), *a oralidade se insinua sobretudo como um desses fios de que se faz, na trama – interminável tapeçaria – de uma economia escriturística*<sup>1</sup> (p. 223). A partir de algumas práticas vividas

---

<sup>1</sup> Para de Certeau: *A prática escriturística assumiu valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde se estendia a ambição ocidental de fazer sua história e, assim, fazer história. Entendo por mito um discurso fragmentado que se articula sobre as práticas heterogêneas de uma*

e discutidas em sala de aula temos possibilidades de reconstruir as nossas identidades brasileiras.

## **BIBLIOGRAFIA**

**BHABHA**, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

**BOSI**, Éclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

**CERTEAU**, Michel de. *A invenção do cotidiano:1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

**DEBORD**, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

**FREIRE**, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997

**MOURA**, Clovis. *Quilombos: resistência ao escravismo*, 3.ed. São Paulo: Ática, 1993.

**HOLANDA**, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

**RIBEIRO**, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

**SODRÉ**, M. A. *Comunicação do Grotesco: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972.

---

*sociedade e que as articula simbolicamente. No ocidente moderno, não há mais um discurso recebido que desempenhe esse papel, mas um movimento que é uma prática: escrever. [...] O progresso é do tipo escriturístico. [...] (1994: 224)*